CONHECIMENTOS UTEIS.

NAVEGAÇÃO DO TEJO.

458 Em sessão de 27 do passado, na camara dos Srs. Deputados, sôbre as ponderações do Sr. Pacheco e Ornellas, a respeito da necessidade da canalização do Tejo, communicou á Camara o Sr. ministro do reino, *que o govêrno se occupava incessantemente d'este objecto, e que n'aquelle mesmo dia fôra nomeada uma commissão para dar o seu parecer sobre todas as propostas e trabalhos existentes a tal respeito.*

Effectivamente a commissão de que fallou o Sr. ministro é composta dos Srs.: Florido, Almeida Proença, J. Pereira Pinto, L. Baiard, J. de Sousa e J. M. Bergára: os interesses do thesoiro, os da propriedade, os da diplomacia. Os conhecimentos locaes e technicos, acham-se representados n'esta commissão; confiâmos muito das suas luzes, e não duvidâmos do zêlo de tão illustres membros que as *conveniencias nacionaes* sejam attendidas como cumpre.

A Revista tem tractado por differentes vezes d'este grave assumpto, e pedido a solução d'elle. Mas hoje serei mais extenso, e farei succintamente conhecida a sua história desde que elle começou a tractar-se por parte do govêrno.

Nos últimos mezes de 1843 lembrou-se o Sr. Aires de Sa Nogueira de pedir um privilegio para navegar o Tejo, de Villa-nova (onde acaba o privilegio da companhia dos Vapores) até Abrantes ou Villa-velha, por meio de certos vapores de construcção especial e pelo systema de reboque. D'esta empresa tractei eu n'um artigo do n.° 25 do 3.° vol. da Revista.

Não havia para que negar este privilegio com razoaveis condições; mas o govêrno querendo dar maior desinvolvimento a ésta idea, poz a concurso, em 4 de dezembro de 1843, *a navegação do Tejo dentro do territorio portuguez.* O Sr. Aires de Sa adoptando este pensamento do govêrno, como mais util ao paiz, concorreu em nome de uma empresa, com a sua proposta de 3 de fevereiro de 1844, unica que appareceu n'aquelle concurso.

Sem que sôbre ésta proposta se tomasse deliberação alguma, quasi oito mezes depois, tendo o govêrno recebido outra proposta para o mesmo fim, do Sr. Bermudez de Castro, que se diz representante d'uma empresa hispanhola para a navegação do Tejo da foz at. Aranjuez, mandou abrir sôbre ésta nova proposta outro concurso; comquanto parecesse intempestivo que não se tendo tomado resolução sôbre a proposta do primeiro concurso se abrisse segundo sôbre outra proposta d'igual natureza. O Sr. Aires de Sá porém submetteu-se ao facto sem indagar a razão d'elle, e de novo apresentou as suas propostas de 7 de dezembro de 1844, ainda posteriormente modificadas, para tornar o Tejo navegavel até á extrema portugueza.

Este segundo concurso fechou-se sem outras propostas que as dos Srs. Bermudez de Castro e Aires de Sá.

Desde então renasceu accaloradamente a questão da navegação do Tejo, começada no reinado de Philippe II, continuada nos de Philippe V, Fernando VI, Carlos II, e D. João V de Portugal, e ainda ultimamente nos tempos de Fernando VII d'Hispanha. O paiz ficou logo ancioso por que se resolvesse o mais depressa possivel um negocio de que seguramente hade tirar incalculaveis vantagens, no seu commercio interno e ainda externo, na sua industria agricula e ainda fabril; e, consequentemente, que deve dar ao Thesoiro avultadas sommas de rendimento. Mas a imprensa politica e não politica, e n'aquella a de todas as côres, foi concorde no sentimonto de reprovação da proposta hispanhola, logo que ésta appareceu no *Diario do Govêrno* de 19 d'outubro de 1844. As representações de muitas camaras-municipaes, dos respectivos districtos, vieram ainda reforçar aquelle brado de reprovação geral, que fez eccho em todos os angulos do paiz.

As duas propostas ficaram desde então, quatorze mezes ha, fechadas n'uma secretaria d'Estado, sem que sôbre ellas se tenha tomado deliberação nenhuma séria; até que finalmente, se nomeou a commissão que acima disse, para dar sôbre ellas o seu parecer: o qual se espera com anciedade, e se confia em que será intendido e prudente como o caso demanda.

Parece que o Sr. Aires de Sá requerêra por ésta occasião a Sua Magestade: que as suas propostas não deixassem de ser submettidas á commissão: que se promptificava a exhibir os nomes dos capitalistas que formam o nucleo da empresa de que elle é representante, e declarar igualmente qual é a garantia que dá para a execução do seu contracto; que, finalmente, attendendo ao seu direito de prioridade, nada seja resolvido contra a sua proposta sem que elle seja ouvido afinal, pois que *protesta que as suas condições hão de sempre ser as mais vantajosas, quanto o possam ser sem ruina da fortuna dos capitalistas que constituem a sua empresa.*

Consta mais, que a companhia das Obras-publicas tambem pedíra ser ouvida; que a companhia da Valla d'Azambuja reclamára; e que a companhia dos Vapores *protestára* não sei sôbre quê nem a respeito de quê! Por outra parte parece que o Sr. Sarti apresenta ideas d'um canal parallelo ao Tejo até á raia.

Tendo historiado, até hoje, a marcha d'este negocio, julguei não dever concluir sem expor francamente as apprehensões que me suscita a idea de se haver de negociar a navegação do Tejo com uma companhia hispanhola, *toda revestida d'este character;* sem que eu todavia sinta a menor repugnancia a que similhante empresa seja formada pelo Sr. Bermudez, ou qualquer outro extrangeiro que se apresentar em leal concorrencia, *sem um tal character de nacionalidade sua.*

Comeffeito, não se tracta simplesmente d'uma empresa extrangeira que divida entre si lucros que poderiam ser repartidos por subditos portuguezes e residentes em Portugal; tracta-se, o que é muito mais consideravel ainda, d'uma empresa extrangeira, filha d'um poderoso reino vizinho, que quer apoderar-se da navegação do mais importante dos nossos rios, d'aquelle que atravessa sobre 40 leguas do nosso interior, até aos extremos da capital do paiz, tendo por limite o oceano!

Não é aqui logar de discutir topicos d'um patriotismo exaltado, que as ideas do tempo reprovam; ainda que d'isso achâmos escandaloso exemplo na proposta hispanhola, pela exclusão que faz de dois terços de capitalistas portuguezes em sua empresa, e de dois terços d'empregados portuguezes no movimento da sua navegação. Não ventilaremos tambem theses de diplomacia sôbre o equilibrio das nações, sentimentos

de apropriação entre ellas, difficuldades actuaes da guerra de conquista, e outras similhantes questões; se bem que tambem para isso tudo poderia eu achar argumentos no que hoje se está praticando nos Estados-Unidos da America com a republica de Texas e o Oregon; nos formidaveis preparativos bellicos da Gran-Bretanha, e nas fortificações de Paris, e receios que mais de uma vez a diplomacia europea parece ter sentido de uma conflagração geral na falta de um respeitavel soberano. Mas para mim é bastante que se considere, quanto o podêr d'Hispanha é superior ao de Portugal; quanto conviria áquella nação o dominio todo da Peninsula inteira; — a possibilidade proxima ou remota, de uma tal tentativa, e as circumstancias, que, [pelo mesmo facto da navegação do Tejo] lhe poderiam ser pretexto. Triste do estadista que ve so o presente e não cura das vicissitudes do futuro!

Depois d'estas considerações, pesem-se tambem, as das facilidades que similhante navegação interior daria para um golpe-de-mão na capital; tendo muito em vista a existencia de um logar vasto e fechado para deposito de generos, igual a uma povoação hispanhola em territorio portuguez, cuja fundação o Sr. Bermudez exige, e que, por uma forçosa consequencia, se não póde deixar de permittir, juncto a Lisboa, perto da foz do rio, e que poderia ser em tal caso, instantaneamente convertida n'uma praça de guerra protegida por uma esquadra.

Que me digam depois de feitas taes ponderações se são pannicos os terrores que á vista de tantas circumstancias assustadoras nos póde suscitar a possibilidade d'um facto, difficil de destruir depois de consummado, sendo, como se sabe, o dominador de Portugal aquelle que for senhor de Lisboa!

Eu não quero de modo nenhum indicar a probabilidade de similhante hypothese, sobra-me, para o meu argumento, que se me conceda a possibilidade d'ella.

Ora, se na parte politica se nos mostra a proposta do Sr. Bermudez com um semblante tão sinistro, na parte economica não apresenta ella indicios menos pronunciados de grandes prejuizos para o paiz.

O pessoal portuguez, agora empregado n'esta navegação, espantosamente diminuido, e por consequencia a ruina de muitas familias, e a quasi extincção d'um ramo d'industria para a classe pobre. D'ahi tambem a falta d'uma boa parte do supprimento d'homens para a nossa marinha.

O frete dos generos ja hoje bastante caro, augmentado ainda para mais do triplo!

O contrabando, impossivel d'evitar em mais de 80 leguas de margem d'ambos os lados do rio, por muito rigorosa que seja a fiscalisação de entrada e sahida. Contrabando não so de cereaes; mas de todas as mercadorias que entrando pela foz do Tejo e pagando n'esse caso apenas um pequeno direito de transito até á extrema, nos hão de reverter depois pela raia sêcca, com a mesma facilidade com que hoje nos entram os cereaes, e os generos que se desembarcam, muitas vezes á custa d'uma escaramuça, nas praias entre Gibraltar e o Guadiana.

Eu persuado-me de que este ponto é gravissimo, não so como nocivo aos interesses industriaes do paiz, mas ainda aos do thesoiro; porque um consideravel numero de mercadorias, sobre tudo inglezas, que hoje se despacham em Lisboa, e nos deixam consideravel interesse pelo seu movimento e commercio até se introduzirem em Hispanha, hão de ser la depois consummidas, e de la nos hão de voltar por contrabando, sem que nem siquer tenham pago em nossas alfandegas os direitos das pautas.

A navegação exclusiva do Tejo em mãos da empresa hispanhola, tira ainda do giro nacional não so muitos centenares de contos de réis, que se consommem no movimento da sua navegação entre mãos portuguezas; mas tambem todo o interesse que nos poderia resultar do movimento hispanhol dentro do nosso territorio, sendo este feito por uma empresa portugueza; porque não ha para que duvidar de que estabelecida por nós a navegação do Tejo até á raia, ella seja continuada pelos hispanhoes d'ahi até Madrid.

N'este caso o govêrno portuguez, contractando com uma companhia-nacional ficará habilitado a impôr ás mercadorias que forem destinadas para Hispanha ou venham de la para exportação, os encargos que julgar convenientes, variando-os quer seja nas tarifas das alfandegas quer no modo da fiscalização, como julgar a proposito, segundo as circumstancias, e na conformidade do tractado de Vienna d'Austria; ficando desembaraçado para obrar segundo os tractados de commercio hoje existentes ou que hajam de se negociar posteriormente: o que não poderá acontecer se se fôr escravizar a um contracto com uma empresa hispanhola, que saberá estabelecel-o e dirigil-o todo em proveito presente e futuro da sua nação, e sustental-o depois com as armas, se necessario fôr.

Aqui ficarei hoje; mas prometto não abandonar este importante assumpto.

REFORMA ECONOMICO-FINANCEIRA DOS ESTADOS-UNIDOS.

459 Como na Inglaterra, tracta-se agora nos Estados-Unidos de uma reforma economico-financeira.

O orçamento d'esta potencia varia de 25 a 30 milhões de dollars [cada dollar anda por 800 réis]; comtudo ainda não é este todo o orçamento geral dos vinte e tantos Estados da federação, que conta sôbre vinte milhões d'habitantes. Os rendimentos das alfandegas formam a quasi totalidade da receita federal. No anno fiscal [economico] terminado a 30 de junho de 1845, montaram esses rendimentos a 27 milhões de dollars. Os outros rendimentos provieram de vendas de terras publicas [bens nacionaes], 2 milhões, e diversas receitas, 164 mil dollars.

Calculando-se sôbre a diminuição das rendas das alfandegas no corrente anno, pela menor importação, foi necessario propor importantes modificações nas pautas. Parece que até aqui as pautas não teem sido consideradas nos Estados-Unidos senão como fonte de rendimento, e os direitos das alfandegas eram uniformes para toda a especie d'artigos. O ministro da fazenda americano, propõe as distincções: propõe sobrecarregar os artigos de luxo, estabelecer direitos para outros que hoje o não pagam, e franquear os de primeira necessidade. Estabelece tambem o medio de vinte por cento para os outros artigos, como o termo de maior producto de receita.

Por este systema o guano, o algodão em bruto e o *sal* ficam francos.

De resto as combinações do novo systema parece não merecerem grande confiança: dizem-se resultado d'u

ma reacção do partido agricula contra o partido fabril.

Quando éstas propostas foram feitas no parlamento americano, ainda se não sabia nos Estados-Unidos das propostas inglezas de Peel. A adopção d'estas propostas pelo parlamento inglez deve influir muito na adopção d'aquell'outras pelo parlamento americano.

As propostas do ministerio dos Estados-Unidos concluem com um plano de venda das terras immensas que o Estado ainda possue [242 milhões de geiras, sem contar os territorios de Texas e do Oregon], e differentes estimulos para promover a cultura d'ellas, e chamar braços á agricultura.

DAS AMOREIRAS E SUA CULTURA. (1).

460 A plantação das amoreiras póde fazer-se em logares altos e baixos; e bom será que o cultivador em grande d'esta arvore varie as situações afim de obter boa colheita de folhas, nas planicies quando o anno for sêcco, e nas alturas quando o anno for humido.

As folhas mais lustrosas e macias são as que contém em mais alto grau o principio productor da seda. As folhas tenras da primeira rebenta são as que melhor convem ao bicho-da-seda nas suas primeiras idades; as mais fortes e de um verde mais carregado convem-lhe mais depois, quando se acham ja formados os receptaculos dispostos para receber e elaborar o succo muco-resinoso.

A epocha da desfolha das amoreiras é segundo a situação e o clima. O desfolhador deve ter toda a cautella em pegar no ramo que quer desfolhar e correr-lhe a mão de baixo para cima, porque se o fizer ao contrário hade offender a casca e rasgal-a, e arrancaria os botões que devem produzir as folhas novas.

Tem-se calculado que uma arvore em terreno livre, desfolhada antes que a folha tenha adquerido a devida madureza, produz dois terços menos do que a que for colhida em tempo opportuno. A melhor disposição para obter uma boa colheita parece ser a seguinte:

As amoreiras anans ou de Constantinopla, plantem-se em latada ou em fórma de vallado.

As amoreiras de folha larga, plantem-se em fórma de bosque.

As amoreiras chamadas d'Italia ou d'Hispanha, de tronco alto, plantem-se em terreno livre, em aleas etc.

As amoreiras novas nunca devem ser desfolhadas antes de tempo. Desfolhar uma amoreira de dois annos é uma profanação: sería destruir-lhe os orgãos necessarios para o seu desinvolvimento.

Está provada a necessidade de abrigos para as amoreiras. A semente lançada em terra abrigada de choupos ou cyprestes, ao sul, e pinheiros ou freixos, ao norte, fórma um excellente viveiro. Nos paizes frios é melhor a plantação nas alturas; mas o producto das amoreiras nas baixas é sempre mais abundante.

As amoreiras são subjeitas a certas molestias peculiares, e a outras que lhe são communs com outras arvores. Tem-se observado que as amoreiras que são desfolhadas todos os annos, e limpas com muito rigor, sem descansarem nunca, são mais subjeitas a adoecer. Oito são pois as causas principaes que se teem designado como motivo da doença das amoreiras: *Desfolha* precoce ou muito frequente. *Limpeza* muito rigorosa. *Falta de cultura* ou qualidade ferruginosa ou defeituosa da terra. *Mau tractamento* nos viveiros, ou estrume muito quente no pé. *Falta de precauções* na transplantação. *Tronco* demasiado grande ou demasiado pequeno. *Geadas* da primavera que estragam os rebentos ou crestam a arvore. *Bichos* que roem a raiz. As principaes doenças produzidas por éstas causas são: A *sanie*, as folhas *amarellas*, a *podridão* da raiz, a *carie* do tronco, a *rizonctomia*, ou roedura da raiz.

Antes de indicar os remedios que se prescrevem para éstas doenças, aconselharei ao bom agricultor que se occupe primeiro com todo o disvello a prevenir a causa do mal, do que depois a applicar-lhe os meios de o curar. Para isto convem: 1.° fazer os viveiros no proprio terreno da plantação; 2.° não inxertar senão as arvores que apresentarem todos os indicios de verdadeiramente silvestres; 3.° fazer o plantio com todas as cautellas ja indicadas; 4.° começar a desfolha das arvores antes d'estas terem feito seis annos, e executal-a com todo o cuidado sem fazer arranhaduras na casca, nem offender os botões ou quebrar tronquinhos, e deixando as pontas dos ramos sempre vestidas; 5.° na limpeza nunca limpar de mais nem cortar os ramos mais fortes, ou que não estejam seccos ou quebrados; 6.° deixar descansar as amoreiras de tres em tres ou de quatro em quatro annos, segundo a força da terra; 7.° emfim, dar-lhes cavas e adubios para as refazer da perda da desfolha.

As amoreiras são subjeitas a destillar um certo humor, que sendo estancado póde produzir a morte da arvore, ou retardar, pelo menos, a sua vegetação: é o que se chama *sanie*. A presença d'este humor é conhecida por alguns logares corroidos continuamente humidos; a casca muda de côr; e estes fluidos provém d'um tumor que, se este os não vertesse, dariam a morte á planta. O remedio que se costuma usar na Italia é fazer um buraco, como se faz para recolher a resina das outras arvores, afim de apanhar estes fluidos, que espalhados pelo tronco o corroiriam e fariam seccar a arvore.

A *amarellidão* das folhas n'amoreira é signal de pouca fôrça e decadencia da arvore, proveniente de diversas causas. Deve-se decotar as pontas da arvore, cavar-lhe ao pe, renovar-lhe a terra da raiz com outra bem escolhida.

A *podridão da raiz*, ou *rizonctonia* (Dandolo) provém de certas plantas parasitas que se agarram ás raizes e lhes obstruem os poros. Ésta doença procede dos estrumes demasiados e fortes, que excitam a vegetação. Esta-se seguro de não ver padecer a arvore d'esta doença, em não usando d'esse methodo; mas no caso contrário é preciso substituir a terra da raiz com outra fresca.

A doença das raizes é ás vezes contagiosa nas aleas ou florestas d'amoreiras. Para prevenir a devastação do contagio não ha outro remedio que arrancar as arvores doentes, e limpar muito bem a terra, empregando outra fresca nos novos plantios. Mas ainda depois de limpa a terra, é bom *purifical-a*; o que se faz ajunctando no fundo da cova monticulos de terra, como se se fizesse um forno para carvão, e deitando fogo a todos os fragmentos de raiz e restos vegetaes, previamente reunidos debaixo d'esses monticu-

(1) Concluido de pag. 434.

los. O virus das raizes fica assim destruido e as cinzas são excellente adubio.

Concluirei aqui o muito que ainda podia dizer n'esta materia, e de que me abstenho por ella ser talvez ingrata para a maior parte dos leitores. Que se me releve a impropriedade com que terei fallado n'um assumpto que nunca tractei e cujos elementos me foi necessario mendigar em obras que nem bem posso intender. Talvez n'outra occasião ainda diga alguma coisa sôbre o prestimo da amoreira, independente da alimentação do bicho-da-seda, e o muito em que se podem utilizar as suas raizes, casca e madeira.

ANTHROPOSCOPIA.

461 No antecedente número da Revista, debaixo d'este mesmo titulo, dei conta d'uma communicação feita á Academia das sciencias de Paris, sôbre certo modo de applicar a luz electrica ao homem que o tornava transparente.

N'este artigo disse, que a *descuberta* era do número d'aquellas de se poderem conjecturar como patranha, e que não sería eu que ficasse por fiador da sua veracidade: no emtanto como era communicação feita a um corpo tão respeitavel e lida em sessão publica por um sabio como Arago, e por ser curiosa, não tive dúvida em fazel-a conhecida dos leitores da Revista.

Apresso-me porém a rectificar aquelle artigo. A Academia das sciencias de Paris foi victima d'uma mystificação divertida. Um *ingraçado* de Bruxelhas que se assignou Eseltje (palavra que em flamengo quer dizer *asneira*) quiz rir á custa dos sabios improvisando a tal *descuberta*. A Academia e o seu secretario Arago; ja teem soffrido por ésta occasião mais de um epigramma da imprensa periodica franceza.

NECROLOGIA DE LISBOA NO ANNO DE 1845.

462 Tendo visto publicado na Revista algumas relações necrologicas mensaes, de diversas freguezias da cidade, e sendo bem conhecida a grande utilidade de taes publicações, as quaes se abrangessem todos os districtos da capital levariam ao conhecimento das infermidades dominantes, sua relação com as estações, e outras causas; julgo coadjuvar tão louvavel fim offerecendo-lhe o mappa necrologico dos seis bairros de Lisboa no decurso do anno findo, advertindo que comprehende somente as freguezias da cidade e as duas do bairro de Belém, com exclusão das freguezias campestres pertencentes ao termo da mesma cidade. Este mappa foi extrahido dos mappas parciaes dos tres cemiterios da capital, nos quaes se sepultam todos os cadaveres das pessoas n'ella fallecidos, e que por consequencia representam com exactidão o numero dos obitos acontecidos. Aquelles mappas são regularmente enviados á Excellentissima camara municipal, os quaes eu consulto mensalmente como um elemento importante que acompanha as minhas observações meteorologicas. — Sería bem proveitoso que o conselho de saude fizesse redigir e publicasse annualmente o mappa geral dos obitos da capital, classificados segundo o systema nosologico adoptado nas outras capitaes da Europa, pois que uma tão interessante estatistica facilitaria o conhecimento das infermidades predominantes, seu accrescimo ou diminuição em relação ás vicissitudes atmosphericas ou a outras causas; e não me parece difficil actualmente a confecção de taes mappas, visto que depois das ultimas providencias promulgadas a similhante respeito se exigem certidões que qualifiquem as infermidades, sexo, idades, e mais circumstancias dos finados, antes de se darem á sepultura. Em quanto porém se não verifica um tão util trabalho offerecerei o mappa seguinte, do qual se poderão deduzir algumas consequencias dignas de reflexão.

NECROLOGIA DE LISBOA E BELEM NO ANNO DE 1845.

MEZES.	MASCULINOS.			FEMININOS.			Totalidade.	Fallec. nos hospitaes.	Número normal.
	Maiores.	Menores.	Total.	Maiores.	Menores.	Total.			
Janeiro	216	82	298	150	72	222	520	278	602
Fevereiro	166	83	249	163	74	237	486	181	504
Março	175	81	256	147	61	208	464	193	584
Abril	174	72	246	156	71	227	473	226	532
Maio	133	79	212	150	72	222	434	208	497
Junho	136	77	213	122	78	200	413	297	479
Julho	159	111	270	127	108	235	505	241	603
Agosto	207	150	357	149	130	279	636	305	625
Setembro	209	128	337	140	94	234	571	284	573
Outubro	195	102	297	154	75	229	526	260	595
Novembro	211	83	294	147	65	212	506	274	582
Dezembro	285	79	364	169	69	238	602	220	589
Sommas	2266	1127	3393	1774	969	2743	6136	2967	6765

Comparando a mortalidade que teve lugar n'este anno, com a normal deduzida dos 5 annos de antecedentes observações. (Veja-se a memoria que sobre este assumpto publiqnei em um dos primeiros tomos da Revista Universal) se deduz ter havido uma diminuição de 629 obitos que equivale a 9 $\frac{1}{5}$ por cento, do que se conclue ter decorrido o anno mui salubre para os habitantes da capital. Comparando da mesma maneira a mortalidade das quatro estações, resulta que nos tres ultimos mezes do inverno, (não contemplando o primeiro que corresponde a dezembro de 1844), a mortalidade diminuiu um decimo sobre a normal; que nos dois mezes da primavera a diminuição foi de 12 por cento: que nos quatro do verão foi de 7 por cento, e finalmente nos dois do outono chegou a 12 por cento. O mez mais funesto foi o d'agosto concordando com as anteriores observações, seguindo-se-lhe os mezes de dezembro, settembro e janeiro, e notando-se que foram mui funestos para os menores os mezes de julho, agosto e settembro. — Os mais favoraveis em geral foram os de julho e maio, rectificando os resultados concluidos das observações do quinquenio. Igualmente se deduz que os fallecimentos acontecidos nos hospitaes, misericordia, e outras infermarias avultou a quasi metade do numero total dos obitos que tiveram logar em Lisboa.

Comparando igualmente este mappa com o do antecedente anno de 1844, que foi um dos mais funestos, se collige que a differença entre os dois annos foi de 1049 obitos, ou mais de um setimo da mortalidade normal d'esta cidade. — O citado mappa de 1844 se acha no interessante Diario Ecclesiastico de Lisboa, que publíca annualmente o padre Vicente Ferreira, antigo calendarista da extincta congregação do Oratorio.

M. M. Franzini.

ESTATISTICA NECROLOGICA.

Bairro do Rocio.

463 Em fevereiro de 1846 falleceram: — do sexo masculino 18; — do femenino 21; — expostos nos adros das igrejas 22. — Total 61.

Celibatarios 26, — casados 11, — viuvos 2.

Asmolestias principaes de que falleceram foram: — apoplexias cerebraes 6, das quaes fulminantes 3; — de phthisica pulmonar 2; — de outras molestias pulmonares 11; — aneurismas de coração 3; — diversas doenças abdominaes 9; — hydrocephalos 2; — sarampo 1; asphyxia por estrangulação 1.

Entre os fallecidos do sexo masculino figuram: — commerciantes 2; — empregados publicos 3: homem de lettras 1. — Menores de 7 annos 15; — de 60 a 90 annos 11. — Pobres de enterramento gratuito 8.

G. A.

Bairro Alto.

Em fevereiro de 1846 falleceram: — do sexo masculino 14, — do femenino 17, — expostos na sanctacasa da Misericordia 40. — Total 71.

As molestias principaes, de que falleceram, foram: — apoplexias 6 — febres 3 — diversas phlegmasias nos orgams respirativos 5 — differentes phlegmasias abdominaes 10 — aneurisma do coração 1 — sarampo 1 — hydrocephalo agudo 1 — cachexias 2.

Entre fallecidos do sexo masculino figuram: — empregados publicos 2, — proprietarios 1, — operarios 4. — E d'entre os 71 fallecidos de ambos os sexos 50 eram menores de 7 annos de idade — 1 tinha de 60 a 70 — 3 de 70 a 80 — e 2 de 80 a 90.

M.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXI.

Quommodo sedet sala civitas. — Santarem. — Portugal em verso e Portugal em prosa. — Exquisito lavor de uma porta e janellas de architectura mosarabe. — Busto de D. Affonso Henriques. — As salgadeiras de Affrica. — Porta do Sol. — Muralhas de Santarem. — Voltemos á historia de Fr. Diniz e da menina dos olhos verdes.

464 Eram mais de dez horas da manhan quando sahimos a começar a longa viasacra de reliquias, templos e monumentos que são hoje toda Santarem.

A vida palpitante e actual acabou aqui toda: hoje é um livro que so recorda o que foi. Entre a historia maravilhosa do passado que todas éstas pedras recordam, e as prophecias tremendas do futuro que parecem gravadas n'ellas em characteres mysteriosos, não ha mais nada: o presente não é, ou é como se não fosse: tam pequeno, tam mesquinho, tam insignificante, tam desproporcionado parece a tudo isto.

Dá vontade de intoar com o poeta inspirado de Jerusalem: 'Quommodo sedet sala civitas!' Portugal é, foi sempre uma nação de milagre, de poesia. Desfizeram o prestigio; veremos como elle vive em *prosa*. Morrer, não morre a terra, nem a familia, nem as raças: mas as nações deixam de existir. — Pois embora, ja que assim o querem. A mim não me fica escrupulo.

Passámos a egreja da Alcaçova, que achámos ja fechada, e tomando sempre sôbre a esquerda fomos pelo que hoje parece uma azinhaga de entre quintas, mas que visivelmente foi n'outras eras a rua mais *fashionavel* d'esta villa cortezan. Aqui estão quasi ao pé da egreja umas portas e janellas do mais fino lavor e gôsto mosarabe que me lembra de ter visto.

E a proposito, porque se não hade adoptar na nossa peninsula ésta designação de *mosarabe* para characterizer e classificar o genero architectonico especial nosso, em que o severo pensamento christão da architectura da meia edade se sente relaxar pelo contacto e exemplo dos habitos sensuaes moirescos, e de sua luxuosa e redundante elegancia?

De que palacio incantado foram éstas portas tam primorosamente lavradas? Que bellezas se debruçaram d'essas arrendadas janellas para ver passar o cavalleiro escolhido do seu coração? São tam lindas, tam elegantes ainda éstas pedras desconjunctadas, e mal sustidas de um muro insosso e grosseiro que as facea, que naturalmente despertam a mais adormecida imaginação a quanto sonho de fadas e trovadores a poesia fez nascer dos mysterios da edade-média.

Pouco mais adeante está em um mau nicho escalavrado e feio, um pretendido busto de D. Affonso Henriques, a que attribuem grande antiguidade. Não me fez esse effeito a mim.

Chegámos á porta do *sol*; sentamo'-nos alli a gosar da majestosa vista. É majestosa mas triste. A ribanceira que d'alli corta abaixo, até ao rio, é arida e quasi calva: cobrem-n'a apenas, como a mal povoada nuca de um velho, alguns tufos de verdura cinzenta e grisalha de um arbusto rasteiro, meio *frutex* meio herbaceo que aqui chamam 'Salgadeira' e que a tradicção diz ter vindo de Affrica para segurar a terra n'estes taludes e precipicios. O aspecto e hábito da planta é realmente affricano e oriental, não tem nada de europeu. Mas ésta derradeira e occidental parte da nossa Hespanha é, geologicamente fallando, ja tam affrica, tam pouco europa, que não sería necessaria a transplantação talvez, e porventura ficou ésta memoria entre o povo do uso que os moiros faziam da planta para esse fim.

Esta porta do sol; dizem que é onde se faziam as execuções em tempos antigos. Foi bem escolhido o sitio; não o ha mais triste e melancholico. Ao pé está um torreão quadrado da muralha que ahi fórma canto para seguir depois na direcção de sul a norte. D'este lado as fortificações e lanços de muro estão todas pouco estragadas; e do mirante a que subimos, póde-se formar uma perfeita idea de uma antiga cidade murada.

Seria aqui, dizia eu commigo, que o nosso Fr. Diniz de quem ja tenho saudades — o velho guardião de San'Francisco veiu chorar o seu ultimo threno sôbre as ruinas da antiga monarchia? Seria aqui n'este logar de desolação e melancholia que correram as suas derradeiras lagrymas! Elle que ja não chorava, acharia aqui quem desse aos seus olhos as fontes de agua que o coração lhe pedia para se desaffogar dos pezares que o rallavam na aridez e seccura de sua desconsolada velhice?

Passavam-me éstas ideas pelo pensamento quando o historiador que tantos capitulos nos retteve no vale contando-nos os successos de Joanninha e da sua familia nos disse:

'Sentemo-nos aqui na sombra que faz ésta muralha e acabemos a historia da menina dos rouxinoes. De tarde vamos á Ribeira saudar a memoria do Alfageme. Ámanhan de manhan está detalhado que iremos ver a Graça, o Sancto milagre, San' Domingos e San' Francisco. Concluamos hoje ésta historia.'

'Seja' respondemos nós.

Entraremos portanto em novo capitulo, leitor amigo; e agora não tenhas medo das minhas digressões fataes, nem das interrupções a que sou sujeito. Irá direita e corrente a historia da nossa Joanninha até que a terminemos... em bem ou em mal! D'antes um romance um drama em que não morria ninguem era havido por semsabor; hoje ha um certo horror ao tragico, ao funesto que perfeitamente quadra ao seculo das commodidades materiaes em que vivemos.

Pois, amigo e benevolo leitor, eu nem em principios nem em fins tenho eschola a que esteja sujeito, e heide contar o caso como elle foi.

Escuta.

(Continúa). *A. G.*

DA POESIA POPULAR EM PORTUGAL. *

Introducção. Objecto e necessidade da presente obra. — A poesia popular proscripta na Europa desde o seculo XVI reagiu no Norte contra a dominação classica nos fins do seculo passado. Chega a reacção a Portugal no primeiro quartel do presente seculo. Procuram-se os seus documentos: acham-se nas collecções do sec. XIII e XV, nas chronicas velhas, e principalmente na tradicção oral dos povos

465 Boileau disse em Paris:

Enfin Malherbe vint, et le premier en France
D'un mot mis à sa place enseigna la puissance;

e d'ahi ficaram proscriptos todos os poetas anteriores a Malherbe, nem se contaram mais eras de poesia senão d'aquella data em deante. Os trovadores e os troveiros (*troubadours et trouvères*) que Boileau tractára por cima do hombro sem os conhecer, ninguem procurou conhecel-os; assentou-se que não valia a pena. Jurou-se nas palavras do mestre, e ficou-se piamente crendo que fôra Malherbe o fundador da poesia franceza.

Elle era-o, sim, da eschola classica; e como ninguem mais quiz ser senão classico, sem questão ficou elle sendo o primeiro d'essa eschola que usurpou o titulo de nacional, e cujas odes de raça grega, cujos sonetos sicilianos, elegias greco-latinas, epistolas e satyras romanas expulsaram de sua casa os lays, as sirventes, os fabliaux, as tenções e os romances dos proscriptos poetas verdadeiramente francezes, mas agora desnaturalizados e bannidos.

Antes d'isto, apezar de Malherbe e da sua eschola, ainda se liam, ainda se estimavam em França as reliquias da poesia nacional e primitiva. Depois da sentença de Boileau, que passou em julgado, era vergonha fazel-o, era mau gôsto: apagaram-se-lhe até os vestigios.

O mesmo aconteceu em Portugal. Até principios do seculo passado ainda acreditavamos, ainda nos lembravamos que, antes de Camões e Ferreira, tinha havido outros cantores portuguezes, que outros *fortes tinham vivido antes de Agamemnon* Mas desde que a Arcadia fixou a epocha de quinhentos como unica orthodoxa, e anathematizou tudo o que depois ou antes se fizera, tambem entre nós se apagou a memoria dos nossos trovadores e menestreis; suppoz-se a poesia portugueza sahida do cerebro de Camões armada e composta ja como a antiga Palas do casco de Jupiter.

Mas tam falso era o rescripto de Boileau como o senatus-consulto da Arcadia.

* Continuado da pag. 439.

Antes que fosse a magra e compassada *donarière* de Malherbe, antes de ser a flórida e elegante donzella de Camões, a poesia do sul e oeste da Europa, descendente por varonia dos Scaldos e dos Bardos do norte, cujo espirito herdára, mas por sua mãe (de quem mais feições conservou) das últimas degeneradas, porêm ainda graciosas, cantilenas latinas, ésta poesia, digo, tinha tido infancia, meninice, adolescencia e nubilidade. Casou em França com o sêcco do Malherbe, e em Portugal com o sêcco do Ferreira; e d'ahi, 'casando e amansando,' tomou outros modos, outro ar, e desprezou e esqueceu os seus antigos amantes. Mas desde o berço os tivera: era doidinha de pequena, e não a dêmos por exemplo a matronas ou a donzellas.

Obra de cem annos porêm depois d'aquella sentença, começaram más-linguas e gente curiosa da vida alheia a suscitar memorias dos antigos galanteios de dona poesia. — Principiou-se a duvidar da justiça de Boileau, e a querer-se examinar se comeffeito eram os taes amantes tam feios e tam desprendados como elle dissera.

Publicaram-se algumas rhapsodias dos *troubadours* e dos *trouvères*. D'ahi appareceram, em Allemanha, na Dinamarca, na Suecia e em Inglaterra, reliquias dos Scaldos e dos Bardos — começou-se a atar a historia da poesia: deu-se tambem preço aos cantores da que chamarei renascença-classica por falta de outra palavra, isto é, dos que fizeram a transição do trovador ou menestrel da meia edade para o poeta do seculo XV e XVI; e ainda os documentos não estavam todos junctos, nem o processo de rehabilitação formado de todo, e ja a sentença de Boileau tinha sido revogada quasi universalmente além dos Pyreneos, menos em França onde, como eu ja escrevi algures, o despotismo litterario do seculo de Luiz XIV custou muito mais a destruir que a sua monarchia e a sua bastilha.

Os poetas inglezes descendentes, no mesmo grau que os francezes, dos trovadores da lingua d'Oc e dos troveiros da lingua d'Oeil, foram os primeiros que positiva e judicialmente revogaram a sentença do chanceller-mór Boileau; e rehabilitaram os seus aggravados e injuriados progenitores.

Seguiram-n'os os Francezes mais devagar e com um rosto de viciosa vergonha.

Ha bons quarenta para cincoenta annos que em toda a Europa, excepto a nossa peninsula, se estudam, confrontam, publicam e codificam trovadores de Provença, trouvères de França, menestreis de Normandia e Inglaterra, Bardos de Scocia, de Bretanha e de Galles, Minnesingers de Allemanha, Scaldos de Dacia e Islandia. O Nibelungen saxonio, as Sagas hersas e runicas, os liederbulchs, romanceiros e cancioneiros das várias linguas, germanicas, romanas e mixtas, teem apparecido por toda a parte, uns reimpressos de algum raro exemplar em lettra quadrada vulgarmente ditta gothica que o despreso geral em que tinham cahido por milagre deixou conservar; outros desinterrados dos antigos archivos e transcriptos dos codices manuscriptos, outros finalmente copiados da tradição oral dos povos, que em outro livro não foram conservados nunca.

Nas nossas Hespanhas porêm, é certo que em Castella se codificaram muitos romances, em Portugal bastantes canções. Mas nem la nem ca se liam n'estes ultimos cem annos ou mais.

Ralharam comnosco Boutervecc e Sismondi, e tinham razão. A nós Portuguezes especialmente nos injuriou, com um favor que nos fez, Lord Stuart de Rothsay, (então Sir Charles Stuart) publicando em Paris em 1823 o cancioneiro do Collegio dos Nobres.

E comtudo nem estes stimulos agudos nos chocharam ao ânimo. — Parece-me que em Hispanha so depois que o Sr. Duque de Ribas me fez a honra de querer seguir (como elle diz) o caminho da *Adozinda* no seu *Moro expósito*, é que despertou devéras o gôsto dos romances antigos.

Em Portugal acordou tambem ja esse gôsto; mas faltam os modelos, porque os cancioneiros são rarissimos, e os romanceiros nunca os houve, ou pelo menos não consta que nunca os houvesse.

É preciso junctar uns com outros, ir aos codices velhos das livrarias e ás memorias velhas do povo, e formar um corpo de exemplares em que facilmente se possa estudar.

Quanto á poesia lyrica dos cancioneiros facil é a tarefa, basta algum discernimento e gôsto. Mas a epica, a dos romances, tem difficuldades graves, e algumas insuperaveis. Podem-se colligir alguns, muitos (e eu o tenho feito) com paciencia: mas classificá-los, collocá-los na sua epocha verdadeira ou ainda approximada?.. Ainda o não fizeram bem os Castelhanos que ha tres seculos colligiram a maior parte dos seus romances, e tam auxiliados tem sido pelos trabalhos que eruditos inglezes e allemães lhes teem ido fazer a casa.

E serão elles portuguezes legitimos esses romances da 'Bella-Infanta', do 'Bernal-francez', da 'Silvaninha', e muitos outros que o nosso po-

vo tem conservado a despeito da incùria dos seus litteratos? — Será Portugal e Galliza a lingua d'Oc da peninsula em que so se faziam canções, como dos provençaes se acreditou muito tempo? E será a Castelhana a nossa lingua d'Oeil privilegiada para o romance historico ou quasi-historico?

São questões que ninguem resolverá sem examinar e estudar muito, primeiro, os documentos que as suscitam.

Eu repitto que pouco mais faço n'este trabalho do que junctar os documentos e propor as questões.

A. G.

BIBLIOGRAPHIA.

O EXPOSITOR PORTUGUEZ — por *Luiz Francisco Midozi.*

466 Obras ha, cujo merito se não deve julgar se não pela utilidade que d'ellas resulta; taes são as que, como o Expositor portuguez, se destinam ao ensino da infancia: e assim considerada, julgâmos ésta nova producção do Sr. Midozi de muito merito, por isso que *muito util.* Deduducção logica na marcha da exposição dos principios elementares, clareza e geniunidade na linguagem, são as bellezas muito solidas d'esta obra.

Desejaramos porem, que uma maior parte dos seus dialogos sôbre todas as sciencias e artes, fosse destinada aos principios da grammatica portugueza. Se o dar algumas ideas, por limitadas que sejam, sôbre as primeiras noções dos conhecimentos humanos, é utilissimo, como meio de despertar a curiosidade dos meninos, e d'ahi talvez fazer-lhes nascer a dedicação aquelle ramo, para que são chamados por sua natural vocação: o dar maior extensão aos rudimentos scientificos da lingua materna, é sôbre util, indispensavel negocio, para corrigir o fallar e escrever so pela toada colhida na infancia e de pessoas as mais das vezes capazes somente de persuadirem erros.

Achâmos ésta parte da obra do Sr. Midozi muito limitada por isso mesmo que para muitos talvez seja ésta a unica guia que hajam de ter na sua educação litteraria.

A sinceridade e fraqueza d'esta nossa reflexão absolve de parcial o juizo qu acêrca d'esta producção fazemos, quando não hesitâmos em chamar-lhe utilissima pelo seu desempenho.

S. B.

N. B. — Ficam demorados muitos artigos bibliographicos, que a falta d'espaço não tem permittido publicar; mas dentro em pouco será regulada ésta parte do nosso jornal, o mais convenientemente que as suas dimensões o permittem.

ASSOCIAÇÕES-LITTERARIAS.

CONSERVATORIO-REAL.

467 Em sessão plena de 7 do corrente foi lido o relatorio da commissão mixta eleita para exame das peças vindas ao concurso para abertura do Theatro de D. Maria II. O relatorio ficou approvado depois de breve discussão.

Foi escolhida para peça d'abertura, ALVARO GONÇALVES, O MAGRIÇO: e julgaram-se dignos de passar ás provas publicas os dramas, *O podêr do remorso*, e a *Vespera d'um desafio.*

As peças: *Ignez e Constança*, o *Alcaide de Faro*, a *Feiticeira*, *Geraldo Semsabor* (comedia) *D. Leonor de Mendonça*, a *Herança do Barbadão* e *Alva-Estrella*, obtiveram honrosa mensão; todas as mais foram regeitadas (1).

O relatorio da commissão de musica, rejeitando as symphonias que vieram ao concurso, ficou addiado.

THEATROS.

SAN'CARLOS. — RUA-DOS-CONDES. — SALITRE.

468 Em San'Carlos, deu-se na noite de 5 do corrente, *I due Foscari* de Verdi: (*The two Foscari*, de Byron): opera realmente bella e digna do auctor do *Nabucho*, *Lombardos*, *Hernani.* O coro d'introducção é d'uma concepção, côr e execução harmonica, de toda a propriedade: o seu principal motivo repete-se por differentes vezes na opera, sempre muito a proposito. O 1.° acto acaba com um duetto, de soprano e baixo, bastante dramatico. O 2.° acto é todo excellente, da primeira á ultima nota. O 3.° não está na mesma altura, mas tem algumas peças de muita belleza.

Depois de *Paulo e Virginia* diz-se que irá a *Eleonora*, opera semi-seria de Mercadante.

Na Rua-dos-Condes, continúa o melodrama — *Os mortos andam depressa*, e ensaia-se outro melodrama *La bohèmiène de Paris* (a Cigana). Parece que é a última peça nova que irá n'este theatro, por que o de 'D. Maria II' deve começar em trabalhos no dia 13 d'abril. Oxalá que a illustre Commissão-inspectora nos livre então de tanto melodrama, que não são as peças proprias d'um theatro de primeira ordem como se quer que este seja... e como deve ser.

No Salitre da-se agora uma peça, *A cisterna arruinada*, que, *sem contradicção* (para me servir da phrase do Sr. Carreira) merece ser vista. O inredo é complicado, sem confusão, interessa e é bem conduzido. A Sr.ª Soller tem um papel muito interessante que a joven artista executa com muita graça. A peça é bastante apparatosa e está bem posta em scena.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

(12 *de Março de* 1514.)

EMBAIXADA D'ELREI D. MANUEL AO PAPA LEÃO X.

469 Desejoso el-rei D. Manuel de offerecer ao papa Leão X as primicias dos thesouros do Oriente, e mostrar aó mesmo tempo, que não era so Roma que possuia as grandezas do mundo, mandou por seu embaixador extraordinario áquella côrte a Tristão da Cunha, que partiu de Lisboa acompanhado de seus filhos e de grande numero de fidalgos e cavalleiros.

Destinára o pontifice o dia 12 de março de 1514 para a cerimonia. Ás 2 horas da tarde sahiram os embaixadores do palacio do cardeal Adriano, onde estavam alojados, com toda a magnificencia. Iam na frente grande numero de musicos, trombetas, charamelas, pifanos e atabales, todos montados em bons cavallos. Seguiam-se trezentas azemelas, cubertas de ricos pannos de seda de varias cores, conduzidas á redea por outros tantos homens com varias e vistosas librés. Depois o rei d'armas *Portugal*, vestido de uma roupa de pano de ouro, com as armas do reino, coroadas e cercadas de perolas e rubins. Seguiam-se para

(1) Eram 22. V. REVISTA n.° 33.

cima de 50 nobres vestidos de ricas telas e brocados, com chapeus ornados todos de aljofares e perolas; levando a tiracolo preciosos colares de ouro e pedraria, e montados em briosos ginetes, com as cellas, peitoraes, caprazões, e arreios de ouro macisso ou de lavor esmaltados, de pedras de grande preço. N'esta proporção iam vestidos os criados, que cada um levava em grande numero, com varias e custosas librés. Notava-se entre tanta grandeza, um elefante indio, sobre o qual ia um pano tecido de ouro com as armas reaes de Portugal, que não so cobria o cofre, mas tambem o elefante até arrastar por terra. Ia tambem sobre este elephante um Nayre, vestido ricamente. Iam mais um cavallo persa que o rei de Ormuz mandára a D. Manuel, e uma formosa onça de caça levada por um caçador tambem persa.

Sahiram a receber e acompanhar os embaixadores portuguezes, os embaixadores d'Austria, França, Castella, Polonia, Veneza, Lucca e Bolonha, um irmão do duque de Milão e grande numero de cavalleiros, prelados e mais senhores de Roma com as suas familias, o que tornava o acompanhamento muito numeroso e luzido. A multidão de gente que concorreu a ver esta cerimonia era tanta que não so cubria as ruas, praças e janellas, mas até os telhados estavam cheios de povo.

Assim que o acompanhamento chegou ao Castello de Sanct Angelo, onde Leão X estava para receber a embaixada acompanhado de todos os cardeaes, deu tres salvas a artilheria do castello, cujo estrondo juncto com o som bellico das trombetas, charamelas e atabales, e os gritos que geralmente se davam de *Viva il re di Portugallo!* faziam um effeito maravilhoso.

Logo que o elephante avistou o papa, obedecendo ao Nayre, ajoelhou tres vezes, e tomando na tromba porção de agua de cheiro, que para este effeito ia ja de prevenção, rociou com ella o papa, cardeaes e mais pessoas que o acompanhavam. A onça tambem fez muitas habilidades que causaram geral admiração.

O presente offerecido ao papa constava de um pontifical inteiro de brocado de pêso, todo bordado e guarnecido de riquissima pedraria de diversas qualidades, em que se viam muitas rosas d'oiro macisso, cujo bagos eram rubins dos melhores, e grande número de flores de diversas côres, todas formadas de diamantes, amatistas, saphiras, esmeraldas, rubins, perolas etc. Havia tambem mitras, bago, aneis, cruzes, calices e thuribulos, tudo d'oiro batido a martello ornado de diversas pedras de muito valor; e junctamente grande número de moedas d'oiro de quinhentos cruzados cada uma.

Recebeu Leão X os embaixadores com as maiores honras. Ouviu uma larga oração que Diogo Pacheco lhe fez em lingua latina; á qual respondeu o papa na mesma lingua, prodigalisando muitos louvoros a el-rei D. Manuel e á nação portugueza; findo o que se alevantou e dirigiu-se para o seu gabinete, sendo até ahi acompanhado por Tristão da Cunha e pelos mais cavalleiros portuguezes.

Por muitos annos durou no mundo a admiração, e certo se devia conservar sempre na memoria d'esta solemne embaixada, da qual Alberto de Carpo, embaixador d'Austria na côrte de Roma, escrevendo ao imperador Maximiliano disse: *que poucas, vezes, ou nenhuma, aconteceu mandarem os principes christãos os seus embaixadores a Roma com tão magnifico apparato; e que a nenhum papa foram apresentados tão ricos, nem tão famosos ornamentos.*

T. Oom Junior.

RELAÇÃO DOS CARDEAES PORTUGUEZES.

470 San'Simpliciano, natural de Guimarães, bispo de Milão, foi creado cardeal pelo papa San'*Damaso*, no IV seculo.

San'Paschasio, foi creado cardeal pelo papa San' *Gregorio* Magno, no VII seculo.

D. Ordonho Alvares [da nobilissima familia dos Forjazes Pereiras], arcebispo de Braga, foi creado cardeal pelo papa *Nicolau* III, no XIII seculo.

D. Pedro Julião, foi craado cardeal [depois papa João XXI em 1276] pelo papa *Gregorio* X.

D. João Froes, conego regular de Sancta Cruz de Coimbra, foi creado cardeal pelo papa *Honorio* III, no XIII seculo. No pontificado do referido pontifice começou o conclave dos cardeaes para a eleição dos papa.

D. Payo Galvão, mestre-eschola da collegirda real de Guimarães, foi creado cardeal pelo papa *Innocencio* III, no XIII seculo.

D. Pedro Gomes Barroso, bispo de Coimbra, e depois de Lisboa, foi creado cardeal pelo papa *Gregorio* XI, no XIV seculo.

D. João Esteves de Azambuja, arcebispo de Lisboa, foi creado cardeal pelo papa João XXIII, governado em Portugal el-rei D. João I.

D. Pedro da Fonseca, foi creado cardeal pelo Antipapa *Benedicto* XIII, e depois o papa *Martinho* V de novo o creou cardeal.

D. Antão Martins de Chaves, bispo do Porto, foi creado cardeal pelo papa Eugenio IV governando em Portugal el-rei D. Duarte.

D. Jayme, arcebispo de Lisboa, foi creado cardeal pelo papa *Callisto* III, governando em Portugal el-rei D. Affonso V.

D. Jorge da Costa, arcebispo de Lisboa, por nomina d'el-rei D. Affonso V., foi creado cardeal pelo papa *Xisto* IV.

D. Affonso arcebispo de Lisboa, por nomina d'el-rei D. Manuel [ainda não contava 8 annos de idade], foi creado cardeal pelo papa *Leão X.*

D. Henrique, arcebispo de Lisboa, por nomina de el-rei D. João III, foi creado cardeal, pelo papa *Paulo III.*

D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, foi creado cardeal, pelo papa *Paulo III*, governando em Portugal D. João III.

D. Fernando [tendo dez annos de idade] por nomina de D. Philippe II de Portugal, e III de Hispanha, foi creado cardeal pelo papa *Paulo V.*

D. Verissimo de Lancastro, arcebispo e senhor de Braga, primaz das Hispanhas, por nomina d'el-rei D. Pedro II, foi creador cardeal pelo papa *Innocencia XI.*

D. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa, por nomina d'el-rei D. Pedro II, foi creado cardeal pelo papa *Innocencio XII.*

D. José Pereira de Lacerda, bispo do Algarve, por

nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Clemente* XI. Em maio de 1721 passou a Roma para entrar no conclave, em que foi eleito papa *Innocencio XIII*. Por morte do referido pontifice, entrou com os mais cardeaes no conclave, em que sahiu eleito papa *Benedicto XIII*. Em 1728 regressou para Portugal.

D. Nuno da Cunha de Ataide, bispo de Targa, capellão-mór da capella e Collegiada Real, por nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Clemente XI*. Em maio de 1721 foi a Roma para o conclave, que se fez por morte do pontifice *Clemente XI*. Em 1722 voltou para Portugal.

D. João da Motta e Silva, conego magistral, e 1.° presbytero da igreja patriarchal de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Benedicto XIII*.

D. Thomáz de Almeida, 1.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Clemente XII*.

D. José Manuel, 2.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João V, foi creado cardeal pelo papa *Benedicto XIV*.

D. Francisco de Saldanha, 3.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. José I, foi creado cardeal pelo papa *Benedicto XIV*.

D. João Cosme da Cunha, arcebispo de Evora, por nomina d'el-rei D. José I, foi creado cardeal pelo papa *Clemente XIV*.

D. José Francisco de Mendonça, 4.° patriarcha de Lisboa, por nomina da rainha D. Maria I, foi creado cardeal pelo papa *Pio VI*.

D. Carlos da Cunha, 5.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João VI, foi creado cardeal pelo papa *Pio VII*.

D. Fr. Patricio da Silva, 6.° patriarcha de Lisboa, por nomina d'el-rei D. João VI, foi creado cardeal pelo papa *Leão XII*.

D. Fr. Francisco de san'Luiz, patriarcha da sé archiepiscopal, metropolitana da provincia da Extremadura, por nomina da rainha, a Senhora D. Maria II, foi creado cardeal pelo sancto padre *Gregorio XVI*.

O Emm.° Sr. D. Guilherme Henriques de Carvalho, patriarcha da sé archiepiscopal metropolitana da provincia da Extremadura, por nomina da rainha, a Senhora D. Maria II, foi creado cardeal pelo sancto padre *Gregorio XVI*.

D. Martinho Castelhano, e natural de Samora, bispo de Silves no Algarve, e depois bispo de Lisboa, desde 1381, até 1383, por nomina d'el-rei D. Fernando I, em 22 de dezembro de 1383, foi creado cardeal pelo papa *Clemente VII*, não tendo ainda chegado a noticia a Avinhão onde residia então o pontifice, de que no dia 6 do referido mez, o povo tinha precipitado da torre [do lado do norte] da sé de Lisboa a D. Martinho, pelo julgar partidario da rainha D. *Leonor*, viuva d'el-rei D. *Fernando*, contra D. João, mestre d'Aviz.

Paulo de Carvalho de Mendonça, monsenhor da sancta igreja patriarchal, por nomina d'el-rei D. José I, foi creado cardeal pelo papa *Clemente XIII*. Porém falleceu, quando vinha no caminho o barrete e o chapeo cardinalicio.

O Abbade Castro.

MODAS.

471 Hoje é que eu na verdade tenho tanto que dizer ás minhas amaveis leitoras, n'este interessante artigo, que se quizesse poderia encher a REVISTA toda com elle. Não era mal empregado: eu não acho demasia em quanto trabalho se tenha, tempo se gaste ou sacrificios se façam, com essas adoraveis pessoas que formam o melhor e mais formoso ornamento do mundo, a quem devemos principalmente a vida, para nol-a tornarem depois bemquista pelos seus affagos, appetecida pelos seus incantos, suave pela sua ternura: não era mal empregado, não. Mas os deveres do nosso jornal não o permittem; essa parte dos conhecimentos-uteis, a mais necessaria de todas no nosso paiz, aquella a que a Redacção sacrifica todos os assumptos, ainda aquelles em que, como este, com mais gôsto se occupára, não me deixa consagrar a este delicioso objecto o tempo e cuidados que elle merece, e se precisa para o tractar dignamente. Valha como desculpa; e vamos direitos ao nosso alvo sem mais preambulos, e seja ao menos levada em conta a minha boa-vontade de mais e melhor dizer.

Hoje o ornamento mais gentil d'uma elegante é o *toucado ao lado*, a que chamam em Paris *petit bord*. Este bonito infeite põe-se mais atraz ou mais ao lado segundo se intende que fica melhor ao parecer. É uma especie de chapeu á pastora, de copa e abas largas, com uma pluma volteando com graça á roda da cabeça, e debaixo das abas um nó de fitas fluctuando em ondas de mistura com os canudos da marrafa.

Ha ainda outros toucados de baile de muita riqueza e gôsto. Distingue-se entre todos o *bonné venisiano* de veludo e rendas, oiro e prata ou perolas. Servem principalmente a quem tem pouco cabello, ou não quer entregar por muitas horas a cabeça aos martyrios d'um cabelleireiro.

As rendas são decididamente o infeite mais da moda. Guarnições de vestidos, folhos, romeiras, mangas, tudo é de renda.

Os corpos dos vestidos continuam a ser de bico, e muito degotados.

Nada ha hoje de mais variedade que as fazendas dos vestidos. Damascos, veludos, brocados, setins aveludados ou froixos, taffetas transparentes, gazes, lancachemira, etc. É um nunca acabar de nomes.

Os passamanes para ornato d'estes vestidos, as franjas de veludo, arminhos, fitas, botões de novo gôsto, galões bordados, flores, diamantes, tudo o que a imaginação póde descobrir d'infeites, é distribuido hoje com profusão pelos vestidos: não ha ver um vestido liso, e a sua roda torna a ser immensa, e são um pouco mais compridos atraz do que adiante.

Usam-se os chapeus de crêpe com plumas, principalmente côr de rosa, algumas vezes infeitados com uma especie de ramo semi-pluma e semi-marabú, guarnecidos de blonde por dentro. Tambem se usam de veludo, e de renda preta.

Da cabeça passarei aos pés. As botinhas de setim branco estão muito em moda, e até ha exemplo de figurarem nos bailes.

Uma senhora elegante deve ser vista e revista, muito bem mirada do bico dos pés até á cabeça, porque tudo nos seduz em seus meneios esbeltos, em seus trajos feiticeiros. Tornemos pois dos pés á cabeça, para dizer que as toucas de renda com laços de fi-

ta formam hoje um dos mais bonitos adereços d'um toucador.

Eu não concluirei ainda sem dar parte ás minhas estimaveis leitoras d'um trajo elegante com que uma senhora d'alta distincção se apresentou n'um dos mais brilhantes bailes de Paris. Ésta senhora não dançava; trajava severamente um vestido de corpo á grega, de veludo, com uma pequena cauda. Este vestido do mais gentil effeito ficava perfeitamente ao donaire d'um pisar elegante: não tinha nenhuma especie de mangas, era seguro nos hombros com camafeus, deixando ver em roda do decote a extremidade d'uma linda renda. A saia debaixo de setim branco, apparecia por meio de dois córtes que iam da cintura até baixo, prêsos d'espaço a espaço com camafeus, formando uns como fofos; embaixo e adiante tinha um apanhado seguro tambem com camafeus. Na cabeça levava ésta senhora um toucado tambem á grega, formado de tiras de veludo da mesma côr do vestido, e oiro, rematando atraz n'uma rede que segurava a trança. Todos os remates eram prêsos com camafeus. É impossivel d'explicar, diz um elegante jornal de Modas, quanto este vestuario magnifico dava de magestade á nobre senhora que o trajava!

CORRESPONDENCIA.

472 Sr. *Redactor* — Com tanto acerto se tem mostrado disvelada a redacção da Revista Universal Lisbonense, na organisação nacional, e em tudo quanto directa ou remotamente possa para esse fim contribuir, que não duvido chamar a attenção de V., para lembrar á 'Academia Real de Sciencias', o tractar d'um objecto exclusivamente da sua competencia, e em que é de esperar se empenhe com a nacionalidade, de que tem dado exuberantes provas. Este objecto digno por certo da maior consideração, e que tem ocupado todas as academias das nações mais illustres da Europa, é um *tractado orthographico* que nos livre d'esta anarchia e repugnante posição em que nos tem posto a falta de uma orthographia, seguindo-se d'aqui o poder-se dizer, que não ha entre nós quem correctamente escreva a sua lingua; o que não admira na presença de tão variadas opiniões, sem haver uma que pela sua procedencia possa tornar as outras menos acertadas ou seguidas: ésta lacuna ja não é desconhecida aos extrangeiros, e mui poderosamente contribue para nosso descredito.

M. A. M.

CORREIO EXTRANGEIRO.

473 O rei da Noruega ordenou que quatro constructores de navios, dois mestres de apparelho, e dois empregados superiores dos arsenaes da marinha-real, fossem á custa do govêrno, fazer uma viagem a Inglaterra e á França para estudarem em detalhe a organização dos principaes estabelecimentos de marinha d'esses dois paizes.

Dois mancebos acabam de partir da Noruega para Paris afim de apprenderem a stenographia para depois a ensinarem na sua patria, onde até hoje tem sido inteiramente desconhecida.

Os direitos das mercadorias extrangeiras importadas em França no anno de 1845 montou a 151,795:160 francos!

A população do Mexico é de 6,040,000 habitantes: sendo d'estes 3,400.000 indigenas — 1,282.000 mulatos — 8,000 negros — e 1,350.000 crioulos e hispanhoes.

As conversões em Inglaterra á religião catholica augmentam todos os dias prodigiosamente. Alguns bispos francezes teem ordenado preces pedindo ao ceo que a Inglaterra volte ao gremio da igreja romana.

Na Grand'Opera, em Paris, representou-se a *Lucia* de Donizetti traduzida em francez. Esta opera produziu grande enthusiasmo. A parte d'Edgard executada por Duprez, havia sido escripta n'outro tempo para este celebre tenor.

O passeio do *boi-gordo* de que fallei na Revista n.° 35, fez-se este anno em Paris com grande apparato. O cortejo era composto d'uma grande mascarada a cavallo nos trajos do tempo de Luiz XIII, e XIV. O *boi-gordo* fez dez estações no domingo 22 de fevereiro: á camara, á residencia de differentes ministros d'estado, presidentes das camaras, embaixador d'Austria etc. Na terça-feira seguinte foi ao palacio das Tuillerias. O tempo estava magnifico, e Paris inteiro correu a gozar d'esta festa singular.

Ensaia-se no theatro-francez uma nova comedia de A. Dumas, a *Filha do Regente*, e no segundo theatro-francez (Odèon) o drama, *Pedro de Portugal*, por P. Fouchè.

Nos Estados-Unidos acaba d'organizar-se uma companhia para a *navegação a vapor do Oceano*. Os projectos d'esta companhia são collossaes.

O banco da Nova-York, tem 59 milhões de dollars de notas em circulação, e apenas 15 milhões de capital disponivel! (Extrahido do relatorio do ùltimo trimestre de 1845.)

Segundo diz o *Illustrated London News* esperam-se em Londres este verão todas as seguintes notabilidades musicaes: Thalberg, Dohler, Dreyschock, Leopoldo Meyer, Molique Pratti (celebre tocador de violoncello) Berlioz, Staudigl, Prscheb, Vieuxtemps, Sivori, Madame Dorus-Gras, Madame Nau, Madame Thillon, e Mendelssohn.

Em settembro d'este anno hade reunir-se um congresso scientifico em Francfort. A circular de convite é assignada pelo poeta Uhland, o critico Gervinus, o philologo Lachmann, os historiadores Dahlmann e Ranke, os juristas Falk e Mittermaier, e pelos irmãos Grimm.

O Jornal dos debates publica a seguinte carta de Vienna: — Ninguem aqui se lembra de ver um inverno tam sêcco ou fallando mais propuamente não tivémos aqui inverno. A temperatura tem estado geral.

mente em 14 grans. As arvores estão em flor; todos usam fato de verão e os passeios estão tam frequentados como se estivessemos em junho.

As actrizes, principalmente de canto, estão hoje, por moda, ao que parece, occupando os leitos nupciaes da alta aristocracia. Um lord inglez casa com a Paulina Garcia, um duque francez com a Fould, um duque hispanhol com a Roissy. Tudo na mesma semana segundo as últimas noticias de Paris.

CORREIO NACIONAL.

474 No dia 6 entrou paquete d'Inglaterra com folhas de Londres até 27 do passado. Continuava na casa dos communs a discussão das propostas de Peel e ainda se não podia aventar quando terminaria. Os fundos portuguezes ficavam na bolsa a 58½.

A receita do 'Asylo da mendicidade' no mez de fevereiro último foi de 853$141 réis, além de donativos, tomadias e outros objectos em especie, a despeza foi de 1:117$188 réis; mas como havia saldo, mesmo na caixa-filial, ainda n'esta ficaram existindo para o corrente mez, réis, metal 58$137, papel, 151$200. Existem asylados: homens 284, mulheres 225, total 509.

No mez de fevereiro último existiam nos depositos do Terreiro-publico e alojamentos, 8,973 moios de trigo, 850 de cevada, 971 de milho, 203 de centeio. O trigo vendeu-se de 400 a 600 réis o alqueire, a cevada de 260 a 320, o milho de 280 a 320, o centeio de 260 a 320. A sahida do trigo foi superior á entrada.

No mez de fevereiro último foram despachados nas Sette-Casas, para consummo, 2,122 pipas de vinho e 475 d'azeite, 19,988 arrobas de carne de vacca, 34,262 de porco e 551 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 18:489$500 réis; para exportação, 2,964 pipas de vinho. Os direitos recebidos sommaram 71:297$645 réis.

O largo de Belem acaba de ser condecorado com o titulo de *Praça de D. Fernando*, por decreto de 2 do corrente, a requerimento da Camara-municipal de Lisboa.

Entre os progressivos melhoramentos da nossa industria contâmos como muito importante a formação de uma *sociedade sericola* na cidade do Porto, que é porventura a mais industrial das nossas terras. Esta sociedade tem por fim promover a cultura das amoreiras, a creação do bicho-da-seda, e a fiação pelo melhor methodo. A direcção é composta dos Srs. F. A. Fernandes, A. P. C. Canavarro Junior, A. de C. Navarro, e L. W. Tinelli, a quem o nosso paiz n'esta especialidade é tam devedor.

As alfandegas de Lisboa, Porto e Sette-casas, renderam no mez de fevereiro último, 382:927$261 réis.

É admiravel o número de navios, francezes principalmente, que teem afluido aos nossos portos n'estes últimos dias para carregar de sal. É sem dúvida resultado das últimas disposições tomadas pelo govêrno francez sôbre este genero, de que ja fallei na Revista.

Houve ha dias na rua direita de San'Paulo um roubo que podia ter sido importante. Os ladrões amarraram ao leito o unico individuo que havia em casa, e procuraram á vontade o seu espolio. Estes factos felizmente são raros em Lisboa, e bom será procurar punil-os com toda a diligencia para que se não repitam, como acontece no Porto, cujos jornaes vem todos os dias relatando a frequencia de similhantes casos.

O Sr. Mazoni, celebre rebequista, que o nosso publico sempre ouve com gôsto e applaude com justiça, fará, na noite de 16 do corrente, um beneficio no theatro de San'Carlos. Diz-se que o illustre artista tocará umas variações sôbre motivos da *Anna Bolena*, e o *rêve d'Artot*, composição magnífica onde teremos que admirar todas as difficuldades e bellezas que o Sr. Mazoni sabe extrahir do seu instrumento. Decerto que ninguem de bom-gôsto faltará no theatro n'essa noite.

Os naufragios este inverno teem sido muito além do ordinario. Em toda a costa occidental da Peninsula se teem repetido casos desastrosos d'esta natureza. Infelizmente muitos navios portuguezes teem sido victimas d'este rigor do tempo. Nos mares da America a corveta D. João I tocou n'um baixo, d'onde a custo foi tirada perdendo toda a sua artilheria e vasilhame. A escuna de guerra, Cabo-Verde, que d'aqui foi mandada com soccorros para a ilha da Boa-vista, nunca mais houve d'ella noticia. O hiate San'Bernardo naufragou nas costas de Vianna, e a escuna *Pedro*, que sahíra do Fayal para San'Miguel foi encontrada por um navio inglez, andando ha 55 dias perdida no mar, sem mantimentos, tendo lhe ja morrido cinco passageiros de nove que tinha abordo. A escuna foi soccorrida; mas sendo encontrada ha quasi um mez, ainda se não tornou a saber d'ella.

A companhia de 'fiação e tecidos' lisbonense, paga 8$000 réis por metade do dividendo de cada uma das suas acções em 1845.

A *livraria-polyglotta*, de Silva, praça de D. Pedro n.° 82, a caba de se inriquecer com um grande número de obras em francez, allemão, inglez, italiano e hispanhol, que merecem ser examinadas pelos amadores. Recebeu tambem bom sortimento de musica.

ANNUNCIO.

Achando-se proxima a primavera, melhor epocha para a sementeira do sainfoin ou esparceto, annuncia-se que no escriptorio da Revista Universal Lisbonense, rua dos Fanqueiros n.° 82, 1.° andar, se acha ainda á venda uma porção da dita semente da melhor qualidade. Preço 800 réis o alqueire, e alli se dão gratis as instrucções impressas para a sementeira do dito prado artificial.